

**O DISCURSO AUTORITÁRIO NA SOCIEDADE BRASILEIRO
NO PERÍODO DE 2019 A 2022, À LUZ DE FAHRENHEIT 451
DE RAY BRADBURY**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Gabriella Gomes da Silva
Apoio: *PIBIC Mackenzie*

Prof. Ms. Valdir Luciano Pfeifer da Silva

Universidade Presbiteriana Mackenzie Campinas - CCT

Universidade Presbiteriana Mackenzie Campinas - CCT

10433842@mackenzista.com.br
valdir.silva@mackenzie.br

RESUMO

Este estudo analisa como o discurso autoritário se manifestou no Brasil entre 2019 e 2022, a partir da investigação de dispositivos linguísticos em discursos políticos e manifestações sociais, em diálogo crítico com *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Com abordagem qualitativa e método dialético, foram examinados textos, discursos e registros midiáticos para identificar estratégias como polarização social, criação de inimigos simbólicos, deslegitimação das instituições, disseminação de notícias falsas e uso de slogans mobilizadores. Os resultados indicam que tais recursos contribuíram para o fortalecimento de práticas autoritárias, semelhantes às formas de manipulação e censura retratadas por Bradbury, com forte impacto da mídia digital na amplificação dessas práticas. A pesquisa contribui teoricamente ao articular análise do discurso, teoria política e crítica literária; metodologicamente, ao relacionar realidade e ficção distópica; e, na prática, ao oferecer reflexões para estratégias de resistência, educação crítica e fortalecimento da democracia.

Palavras-chave: discurso autoritário; linguagem; *Fahrenheit 451*; mídias sociais; democracia.

ABSTRACT

This study analyzes how authoritarian discourse manifested itself in Brazil between 2019 and 2022, based on the investigation of linguistic devices in political discourses and social demonstrations, in critical dialogue with Ray Bradbury's *Fahrenheit 451*. Using a qualitative approach and dialectical method, texts, discourses, and media records were examined to identify strategies such as social polarization, the creation of symbolic enemies, the delegitimization of institutions, the dissemination of fake news, and the use of mobilizing slogans. The results indicate that these resources contributed to the strengthening of authoritarian practices, similar to the forms of manipulation and censorship portrayed by Bradbury, with a strong impact of digital media in amplifying these practices. The research contributes theoretically by articulating discourse analysis, political theory, and literary criticism; methodologically, by connecting reality and dystopian fiction; and, practically, by offering reflections on strategies of resistance, critical education, and the strengthening of democracy.

Keywords: authoritarian discourse; language; *Fahrenheit 451*; social media; democracy.

1. INTRODUÇÃO

Entre 2019 e 2022, o Brasil viveu intensa polarização política e social, marcada pelo avanço de discursos autoritários que desafiaram princípios democráticos, impuseram narrativas únicas e deslegitimaram instituições. A linguagem tornou-se ferramenta de manipulação e controle, em paralelo à distopia de Bradbury (2012), onde a censura e a manipulação da informação suprimem o pensamento crítico.

O tema possui relevância acadêmica e social. Embora Schwarcz (2019), Chauí (2023) e Foucault (1999) tenham discutido o autoritarismo sob perspectivas históricas e culturais, ainda são escassas pesquisas que cruzam a análise de dispositivos linguísticos em discursos políticos contemporâneos com a interpretação crítica de obras distópicas, lacuna que limita a compreensão do fenômeno no Brasil atual.

O problema que orienta este estudo é: como o discurso autoritário no Brasil, entre 2019 e 2022, utilizado para controle e manipulação social, pode ser compreendido à luz dos dispositivos linguísticos presentes em *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury? Para respondê-lo, o objetivo geral é compreender o uso do discurso autoritário nesse contexto, identificando dispositivos linguísticos, analisando seus efeitos sociais, políticos e culturais, e examinando o papel das mídias digitais na sua disseminação.

A contribuição é tripla: no campo teórico, promove diálogo entre análise do discurso, teoria política e crítica literária; no metodológico, aplica abordagem qualitativa comparativa entre realidade e ficção; no prático, aponta caminhos de resistência, educação crítica e fortalecimento democrático.

Ao revisitar *Fahrenheit 451* como metáfora para o Brasil contemporâneo, este estudo reforça a importância da liberdade de expressão, do pensamento crítico e da pluralidade de vozes como antídotos à manipulação ideológica e ao avanço autoritário.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. VOZES DO PODER: OS DISPOSITIVOS LINGÜÍSTICOS DO DISCURSO AUTORITÁRIO NO BRASIL RECENTE

De 2019 a 2022, o Brasil vivenciou o fortalecimento de um discurso autoritário, manifestado por meio de estratégias linguísticas as quais buscavam legitimar ações de controle, desqualificar vozes contrárias e reforçar uma visão polarizada. Esse cenário se aproxima da

obra *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, onde o Estado promove a censura e a supressão do pensamento crítico, proibindo os livros e utilizando slogans repetidos e entretenimentos superficiais. Assim como, no Brasil, políticas autoritárias favoreceram o medo, a emoção e a polarização em detrimento da reflexão racional e do diálogo democrático.

Para Goffman (2014), a comunicação estrutura relações sociais e de identidade. Van Dijk (2015) destaca que o discurso molda concepções sobre o mundo, e Orlandi (2015) ressalta que o discurso autoritário busca impor um único sentido possível. Em *Fahrenheit 451*, essa imposição aparece no controle da leitura e do conhecimento:

Se não quiser um homem politicamente infeliz, não lhe dê os dois lados de uma questão para resolver; dê-lhe apenas um. Melhor ainda, não lhe dê nenhum. (BRADBURY, 2012, p. 53)

No Brasil, estratégias discursivas como o apelo à emoção, a repetição de slogans e narrativas pessoais foram usadas em diferentes contextos políticos. Na campanha de 2002, Lula se conectou ao povo por meio de sua trajetória de vida:

(...) a gente foi se consolidando, os irmãos todos trabalhando, aí nós mudamos para uma outra casa um pouquinho melhor. Surgiu a oportunidade de ir para o SENAI. Foi o meu primeiro contato com a cidadania. Uma pessoa que teoricamente poderia estar predestinada a não ser nada, de repente se viu diante da oportunidade de ter uma profissão. Aí eu me formei em torneiro mecânico. Naquele tempo torneiro mecânico era uma profissão razoável, ganhava um salário razoável, (...) Eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão. Eu fui o primeiro a ter uma casa. Eu fui o primeiro a ter uma televisão. Eu fui o primeiro a ter um carro. Tudo por conta de uma profissão que os outros meus irmãos não tiveram a oportunidade de ter. (Lula, no HGPE, de 09 de maio de 2002).

Essas estratégias, embora comuns em democracias, em contextos autoritários servem para manipular, dividir e controlar. Schwarcz (2019) aponta que discursos autoritários exaltam um passado mítico, deslegitimam a imprensa e reforçam hierarquias sociais. Em *Fahrenheit 451*, personagens questionadores, como Clarisse McClellan, eram perseguidos, e logo silenciados:

Era uma bomba relógio. A família vinha alimentando seu subconsciente. Estou certo disso, a partir do que vi de seu histórico escolar. Ela não queria saber como uma coisa era feita, mas por quê. Isso pode ser embaraçoso. Você pergunta o porquê de muitas coisas e, se insistir, acaba se tornando realmente muito infeliz. A coitada da garota está morta, e foi melhor para ela. (BRADBURY, 2012, p. 53)

Nas campanhas eleitorais de 2022, é possível observar a perpetuação de desigualdade, destacando-se as falas de Jair Messias Bolsonaro, como no debate na Band no dia 28 de agosto de 2022, onde ele ataca a jornalista Vera Magalhães:

Vera, não pude esperar outra coisa de você. Acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão em mim. Não pode tomar partido num debate como esse. Fazer acusações mentirosas a meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro (BAND JORNALISMO, 2022).

As redes sociais intensificaram esse processo, com hashtags como #ForaPT e #BrasilAcimaDeTudo, além da disseminação de fake news. Ao mesmo tempo, movimentos como o #EleNão mostraram a força da mobilização cidadã.

Em Fahrenheit 451, o capitão Beatty reforça as divisões sociais ao se referir a quem busca conhecimento como “patinhos feios” e “esquisitos”. Essa lógica se conecta à crítica feminista e pós-colonial que denuncia a linguagem como instrumento de exclusão (RIBEIRO, 2020; VERONELLI, 2021). Bradbury descreve a manipulação por meio da superexposição a informações irrelevantes:

[...] dados incombustíveis, entupa-as tanto com “fatos” que elas se sintam empanzinadas, mas absolutamente “brilhantes” quanto a informações. (...) Todo homem capaz de desmontar um telão de tevê e montá-lo novamente, e a maioria consegue, hoje em dia está mais feliz do que qualquer homem que tenta usar a régua de cálculo, medir e comparar o universo, que simplesmente não será medido ou comparado sem que o homem se sinta bestial e solitário. (BRADBURY, 2012, p. 53)

Dessa forma, compreender os dispositivos linguísticos do discurso autoritário é essencial para enfrentar narrativas repressivas e promover uma comunicação inclusiva, capaz de fortalecer a democracia e valorizar a diversidade. Como ressalta Schwarcz, é necessário:

Incentivar a diversidade cidadã; combater a desigualdade e a intolerância social, cultural e religiosa; ampliar os projetos educacionais e da área da saúde; firmar compromissos com o aperfeiçoamento das instituições; contestar atos administrativos que atentem contra a nossa democracia e a ameacem; e exigir garantias constitucionais (SCHWARCZ, 2019, p. 237-238).

2.2. DISCURSO AUTORITÁRIO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: INFLUÊNCIAS SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS

O discurso autoritário no Brasil contemporâneo se fortaleceu em meio à polarização política e crises sociais, explorando a insegurança e a desconfiança nas instituições

democráticas. Narrativas que exaltam líderes como salvadores, a disseminação de fake news e o enfraquecimento da transparência se conectam à censura e ao controle descritos em Fahrenheit 451.

Como observa Mounk (2018), a polarização tem o potencial de enfraquecer a confiança nessas instituições, enquanto Piketty (2020) argumenta que as desigualdades econômicas agravam a insatisfação popular, favorecendo a adesão a narrativas autoritárias, além, como destaca Castells (2016), a manipulação informacional. Logo, o autoritarismo se manifesta ao desacreditar vozes divergentes, agredir a imprensa e limitar direitos sob a justificativa de restaurar a ordem.

O discurso autoritário brasileiro possui uma trajetória que remonta à ditadura militar (1964-1985), período em que a repressão e a censura eram justificadas por expressões como "Brasil: Ame-o ou deixe-o!" ou "Quem não vive para servir ao Brasil, não serve para viver no Brasil". O impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, reacendeu pedidos de intervenção militar, tendência consolidada com Jair Bolsonaro em 2018, que chegou a chamar o coronel Brilhante Ustra de “herói nacional”:

Ela conta uma história bem diferente daquela que a esquerda contou para vocês”, disse Bolsonaro. “Tem um coração enorme. Sou apaixonado por ela. Não tive muito contato, mas tive alguns contatos com o marido dela enquanto estava vivo. É um herói nacional que evitou que o Brasil caísse naquilo que a esquerda hoje em dia quer [...]”¹ (VEJA, 2019).

Como aponta Schwarcz (2019), o discurso autoritário deslegitima opositores, enquanto Arendt (2012) mostra como regimes criam inimigos fictícios para justificar repressões. O medo e o controle da narrativa sustentam esse poder, como no livro Fahrenheit 451, onde livros são queimados e programas televisivos manipulam:

O próprio público deixou de ler por decisão própria. Vocês, bombeiros, de vez em quando garantem um circo em volta do qual multidões se juntam para ver a bela chama de prédios incendiados, mas, na verdade, é um espetáculo secundário, e dificilmente necessário para manter a ordem. (BRADBURY; 2012; p. 70)

¹ A declaração foi dada por Bolsonaro na saída do Palácio da Alvorada, após ser questionado por jornalistas sobre um almoço que teve com a viúva do coronel, Maria Joseíta Silva Brilhante Ustra. <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-affirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional> - acesso em: 14 de janeiro de 2025.

Essas estratégias fomentam hostilidade e polarização, levando a episódios como o assassinato de Marcelo Arruda, militante do PT, morto por um apoiador de Bolsonaro em 2022 (ALVES, 2022). Elas também reforçam violências estruturais, como racismo, homofobia e intolerância religiosa, exemplificadas no assassinato de Marielle Franco, definido como “crime político”.

O autoritarismo enfraquece instituições democráticas, com ataques ao Judiciário e à imprensa (BOBBIO, 1992). As redes sociais, embora fortaleçam mobilizações, amplificam fake news e radicalização. Na pandemia de Covid-19, isso foi evidente:

No Brasil, apesar do trabalho dos cientistas e profissionais da saúde, as autoridades políticas sabotaram as medidas simples de prevenção, inclusive divulgando *fake news*, levando grande parte da população a seguir, colocando sua saúde em risco e ocasionando mortes pela Covid-19 (CALDAS, 2025).

O medo, como ensinou Maquiavel em *O Príncipe*, é usado para controle social. Em Fahrenheit 451, ele aparece na perseguição de quem detinha livros ou compartilhava conhecimento, queimados como exemplo de repressão.

Diante disso, a resistência passa por educação crítica (FREIRE, 2018), ações coletivas, diálogos intergrupais e uso democrático das redes sociais. A vigilância cívica e o engajamento social são fundamentais para enfrentar narrativas autoritárias e fortalecer a democracia. Como defendem Levitsky e Ziblatt (2018), ela exige respeito a regras comuns, reconhecimento do adversário e tolerância.

Assim, o avanço do discurso autoritário no Brasil, nutrido pela polarização e desinformação, cria um ambiente de medo que silencia vozes críticas. Enfrentá-lo requer mobilização cidadã, valorização dos direitos humanos e a compreensão de que democracia vai além do voto, sendo prática contínua de participação e vigilância.

2.3. EXAMINAR O PAPEL DAS NOVAS TECNOLOGIAS E MÍDIAS DIGITAIS NA DISSEMINAÇÃO DE DISCURSOS AUTORITÁRIOS E NA AMPLIFICAÇÃO DE MENSAGENS DE CONTROLE, DE ÓDIO E DE DESINFORMAÇÃO.

A transição das mídias tradicionais para as digitais transformou a comunicação, permitindo disseminação instantânea de informações e maior participação dos usuários. Essa revolução trouxe democratização, mas também desinformação, polarização e a ascensão de

líderes carismáticos digitais (SCHWARCZ, 2019). O discurso autoritário, que impõe ideias coercitivamente, encontrou nas mídias digitais um espaço fértil para consolidar narrativas, manipular e silenciar vozes divergentes.

Na obra *Fahrenheit 451*, o capitão Beatty representa o líder autoritário que justifica a repressão intelectual em nome da felicidade coletiva:

[...] nós somos os Garotos da Felicidade, a Dupla da Alegria, você e eu e os outros. Nós resistimos à pequena maré daqueles que querem deixar todo mundo infeliz com teorias e pensamentos contraditórios. (...) Não deixe a torrente de filosofia melancólica e desanimadora engolfar nosso mundo. Dependemos de você. Acho que você não percebe a importância que você tem, que nós temos, para que o nosso mundo continue feliz como ele é hoje. (BRADBURY, 2012, p. 5)

Assim como na distopia, líderes populistas digitais deslegitimam críticas, espalham informações falsas e utilizam o medo como estratégia. As redes sociais permitem contato direto com a população, criando o “político populista digital” (SCHWARCZ, 2019). A invasão das sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023 exemplifica o impacto dessas dinâmicas. Como afirmou Alexandre de Moraes:

É faticamente impossível defender, após o dia 8 de janeiro, que o sistema de autorregulação funciona. Falência total e absoluta, instrumentalização e, lamentavelmente, parte de convivência. Por que digo de falência? Falência porque tudo foi organizado pelas redes, ou parte das redes (VIVAS, CASTRO, 2024).

O discurso de ódio, definido por Brugger (2007), instiga violência e discriminação. Algoritmos reforçam sua propagação ao priorizar conteúdos polêmicos, sensacionalistas e virais (PARISER, 2012). Esse processo é antecipado em *Fahrenheit 451*, onde a manipulação e o entretenimento superficial substituem o pensamento crítico. Beatty enfatiza:

O que queremos neste país, acima de tudo? As pessoas querem ser felizes, não é certo? Não foi o que você ouviu durante toda a vida? Eu quero ser feliz, é o que diz todo mundo. Bem, elas não são? Não cuidamos para que sempre estejam em movimento, sempre se divertindo? É para isso que vivemos, não acha? Para o prazer, a excitação? E você tem de admitir que nossa cultura fornece as duas coisas em profusão. (BRADBURY, 2012, p. 52)

O discurso de ódio gera exclusão social, ansiedade e fragmentação comunitária (BAUMAN, 1998). No livro, Mildred, assustada diante da possibilidade de ler, reflete esse medo da repressão:

E, além disso, se o capitão Beatty ficasse sabendo sobre esses livros... — Ela refletiu um pouco. Seu rosto foi ficando assustado e, depois, apavorado. — Ele pode chegar e queimar a casa e a “família”. Isso é terrível! Pense em nosso investimento. Por que eu deveria ler? Para quê? (BRADBURY, 2012, p.61)

As fake news, criadas para enganar (WARDLE, 2017), tornaram-se centrais em disputas políticas. Em 2018, Bolsonaro reforçou o boato do “kit gay” com o livro *Aparelho Sexual e Cia*, mobilizando eleitores. Em 2020, durante a pandemia, circularam notícias falsas sobre vacinas, como a de que continham “chip líquido” para controle populacional (DOMINGOS, 2021). Esses casos se conectam à lógica de *Fahrenheit 451*, onde o controle da informação gera pânico e manipulação: “Se não quiser um homem politicamente infeliz, não lhe dê os dois lados de uma questão para resolver; dê-lhe apenas um. Melhor ainda, não lhe dê nenhum.”

Em resposta, países têm criado legislações e projetos, como o PL 2630/2020, que estabelece normas de transparência nas redes:

Art. 1º Esta lei estabelece normas, diretrizes e mecanismos de transparência de redes sociais e de serviços de mensageria privada através da internet, para desestimular o seu abuso ou manipulação com potencial de dar causa a danos individuais ou coletivos (Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet).²

A alfabetização digital e o consumo crítico são essenciais para enfrentar desinformação, discursos de ódio e autoritarismo. Como lembra Castells (1999), a internet molda as relações sociais e a esfera pública, exigindo responsabilidade coletiva, empatia e engajamento cívico.

Assim, apesar de ampliar vozes, as mídias digitais também intensificaram discursos autoritários, ódio e fake news. Conectados à crítica de *Fahrenheit 451*, esses fenômenos mostram como a manipulação da informação ameaça a democracia. Regulamentação transparente, pensamento crítico e educação midiática são caminhos fundamentais para assegurar que a tecnologia fortaleça a democracia, e não sua corrosão.

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada buscou compreender, sob uma perspectiva teórico-analítica, os mecanismos do discurso autoritário no Brasil entre 2019 e 2022 à luz dos dispositivos

² BRASIL. SENADO FEDERAL PROJETO DE LEI Nº 2630, DE 2020 Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. AUTORIA: Senador Alessandro Vieira (CIDADANIA/SE). Dados Complementares: Altera as Leis nº 10.703 de 2003 e 12.965 de 2014. Situação: Pronta para Pauta no Plenário (PLEN).

linguísticos de *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. As diretrizes contemplaram levantamento bibliográfico e análise de corpus. Classificada como pesquisa de natureza básica (GIL, 2019; LAKATOS; MARCONI, 2021), seguiu abordagem qualitativa voltada à compreensão de significados e valores que sustentaram o discurso autoritário em seus contextos históricos e sociais (SEVERINO, 2016). De caráter exploratório (GIL, 2019), utilizou o método dialético (CHIZZOTTI, 2011), adequado para analisar contradições e transformações do fenômeno discursivo em relação aos conflitos sociopolíticos, permitindo uma leitura totalizante da realidade. O material empírico foi majoritariamente bibliográfico, incluindo fontes primárias (obras literárias e teóricas), secundárias (artigos e teses) e terciárias (discursos políticos, documentos oficiais e ensaios). O corpus constituiu-se de enunciados oriundos de discursos políticos, midiáticos e institucionais do período, articulados a excertos da obra de Bradbury, com foco na análise linguístico-discursiva de mecanismos de controle, silenciamento e manipulação (ORLANDI, 2015; MAINGUENEAU, 2014). A análise apoiou-se em referenciais da análise do discurso, da análise crítica do discurso e da análise de conteúdo (FAIRCLOUGH, 2001), estabelecendo paralelos entre as estratégias linguísticas do autoritarismo brasileiro recente e aquelas da ficção distópica. Por fim, essa metodologia orientou a investigação no plano técnico-operacional, além de colocar luz ao gesto interpretativo comprometido com a leitura crítica da linguagem enquanto espaço de poder.

4. RESULTADOS

Este segmento apresenta os resultados da investigação sobre como o discurso autoritário se manifestou no Brasil entre 2019 e 2022, tendo como referência *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. São descritos os elementos do corpus — discursos públicos, manifestações e registros da mídia — e, em seguida, analisados à luz dos conceitos da distopia de Bradbury (2012), evidenciando paralelos entre ficção e realidade, sobretudo quanto à repressão simbólica, ao controle da informação e à desvalorização do pensamento crítico. A discussão busca destacar os principais achados sobre a recorrência e as estratégias desse discurso no período estudado.

4.1. VISÃO GERAL DOS DADOS

O *corpus* dessa análise apresenta cinco falas do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, durante o período sobre o qual foi feita a abordagem da presente pesquisa, as quais trazem em si características do discurso autoritário. Através da proposta de uma abordagem

interpretativa e qualitativa, será analisado, em uma construção temporal, como a retórica autoritária evoluiu conforme o governo de Jair Messias Bolsonaro por meio dos seguintes fragmentos:

“Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria.” Quando: outubro de 2018. Contexto: em pleno fervor das eleições presidenciais de 2018, Jair Messias Bolsonaro, discursa, através de um telão, na avenida Paulista, localizada na cidade de São Paulo, para manifestantes a favor de sua candidatura reforçando seus ataques a seus adversários políticos e todos aqueles que os apoiam.

“Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.” Quando: janeiro de 2019. Contexto: ao tomar posse como presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, na cerimônia de recebimento da faixa presidencial, reforça seus objetivos para o país e realiza seus agradecimentos, e, encerra seu discurso com sua famosa frase “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.”

“E assim como se muda de médico, eu mudei de ministro.” Quando: agosto de 2020. Contexto: com o Brasil em estado grave devido ao vírus da Covid-19, Jair Messias Bolsonaro declara, no encontro Brasil Vencendo a Covid-19, realizada no Palácio do Planalto, sobre a troca de ministro da saúde, justificando que este não realizou o proposto pelo presidente em relação ao uso da hidroxicloroquina.

“Qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou” e “não vamos mais admitir pessoas como Alexandre de Moraes continue a açoiar a nossa democracia e desrespeitar a nossa Constituição.” Quando: setembro de 2021. Contexto: em manifestação realizada na avenida Paulista, em São Paulo, no dia 7 de setembro, dia comemoração da Independência do Brasil, Jair Messias Bolsonaro faz uma série de ameaças ao Supremo Tribunal Federal (STF) e à democracia.

“A arma de fogo, além de segurança para as famílias, é segurança para nossa soberania nacional e a garantia de que a nossa democracia será preservada. Não interessa os meios que um dia porventura tenhamos que usar. Nossa democracia e nossa liberdade são inegociáveis.” Quando: maio de 2022. Contexto: no dia 17 de maio de 2022, em Propriá no Sergipe, na inauguração de trechos da BR-101/SE, Jair Messias Bolsonaro, na época

presidente e pré-candidato a um novo mandato, faz tal declaração quando acusado por opositores da tentativa de “melar” as eleições com seu discurso caso seja derrotado nas urnas.

A visão geral dos trechos retirados de discursos de Jair Messias Bolsonaro apresentados, da data de declaração, assim como o contexto em que foram ditas, demonstra a maneira que, por meio de ferramentas linguísticas, se constrói um governo autoritário.

4.2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise a seguir busca aprofundar o conteúdo crítico dos dados apresentados, interpretando-os com base nos conceitos discutidos ao longo da pesquisa e dos paralelos traçados com a obra *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. O objetivo é entender de que forma determinadas falas de Jair Messias Bolsonaro expressam características autoritárias e como essas manifestações se relacionam com estratégias de controle, censura e exclusão presentes na distopia. Além de ressaltar frases pontuais, procura-se evidenciar os sentidos políticos e sociais formados através desses discursos no contexto democrático brasileiro entre 2019 e 2022.

“Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria.” Entre as inúmeras falas dos políticos em períodos eleitorais, se tornou comum, no mundo todo, o uso de certas provocações a seus adversários, todavia, tais implicâncias transformam-se em algo preocupante a partir do momento em que elas aparecem constantemente em discursos como forma de ataque, causando uma polarização entre os cidadãos.

Visando somente o Brasil, essa constância foi vista nos discursos dados durante 2018, ano de eleição disputada por Jair Messias Bolsonaro, no qual é possível observar que em praticamente todos seus discursos o candidato proferia ofensas e ameaças ao seu opositor do PT, Luiz Inácio Lula da Silva e seus apoiadores.

Ao se debruçar sobre o trecho de seu discurso: “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria.”, dado por ele na avenida Paulista em São Paulo, visível a característica da polarização criada por meio de um discurso autoritário, apesar de, para muitos, parecer algo somente competitivo.

O autoritarismo baseia-se na lógica da hierarquização social e política e se estruturando nela, gerando uma sociedade na qual alguns grupos são considerados ameaçadores, inferiores ou indesejáveis. Bolsonaro, ao se referir a “Essa turma” e “marginais vermelhos”, constrói uma figura de “inimigo”, tendo assim o opositor político como alguém perigoso, alguém que não se enquadra na desejável ordem social, diferenciando-se do corpo nacional teoricamente homogêneo e legítimo, o tal “nós” citado por ele. Produzindo essa separação simbólica, Jair Messias Bolsonaro trata das diferenças de opiniões como uma ameaça ou desvio, naturalizando a desigualdade política (CHAUI, 2023).

Essa fala de Bolsonaro representa uma de suas diversas tentativas de controlar o que se tem como aceitável ou plausível na área política, apoderando-se do discurso para alcançar esse objetivo, tendo em vista que o discurso vai além de uma maneira de falar sobre o mundo, ele também é um instrumento de poder produzindo verdades e regulando o que pode ser dito ou não. Ao afirmar que os “marginais vermelhos” serão “banidos da pátria”, o discurso gera uma exclusão, negando ao outro o direito à participação e à cidadania (FOUCAULT, 1996).

Tal “eliminação” do outro antes de este se manifestar sobrevém na obra de Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*, quando o capitão Beatty diz: “Sabemos como podar a maioria deles quando ainda são brotos, no começo.” (BRADBURY, 2012, p.53), ou seja, há uma lógica de controle preventivo, a metáfora “podar brotos” sugere que a repressão é feita antes mesmo das ideias florescerem. No contexto do livro, o personagem realiza uma clara separação entre “nós”, os bombeiros, o grupo detentor da ordem, do controle, contra “eles”, representando a parcela da população a qual resiste ao sistema, os que leem e fazem questionamentos sobre a vida.

Bolsonaro ao declarar “vai ter que se colocar sob a lei de todos nós”, situa a oposição como pessoas fora da lei pelo simples fato de não o apoiarem, sem crime algum, somente uma diferença ideológica. Seu discurso atua como um mecanismo disciplinar, ou seja, ele tem como intenção definir quem pode falar, quem deve se calar e quem pode pertencer ao conjunto da nação (FOUCAULT, 1996).

Como o autor Dijk (2012), coloca ênfase, o significado de um discurso depende tanto das palavras como do contexto ideológico, social e político de quando é reproduzido, por isso, ao falar na avenida Paulista em São Paulo no auge da campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro cria uma retórica de confronto, antipetismo e deslegitimação. Ao dizer “marginais vermelhos”, o candidato traz átona uma memória social do “inimigo comunista”, vinda desde os tempos de ditadura militar, sendo bastante eficaz para sua campanha pois relaciona-se com crenças compartilhadas entre seus apoiadores de que a esquerda é corrupta, traidora e inimiga.

Expressando-se deste modo, Bolsonaro, além de refletir, ele forma e reforça uma ideologia autoritária, estimulando emoções, medos e divisões na sociedade.

Como já dito, no Brasil há um histórico dessa tradição autoritária caracterizada pela exclusão social, intolerância e concentração de poder, como na época da República militar de Deodoro da Fonseca (1885-1889) o qual governou sob estado de sítio, ou, um pouco mais para frente, na ditadura do Estado Novo (1937-1945), quando houve uma centralização do poder nas mãos de Getúlio Vargas e a prescrição de uma Constituição nova. A partir do momento em que Jair Bolsonaro transmite a ideia de existir somente um lugar no Brasil só para aqueles os quais se submetem à lei de todos nós”, ele gera uma violência simbólica, subordinando o “outro” à hegemonia de um grupo dominante. Propondo o banimento e o encarceramento de seus adversários políticos, ele retoma essa herança autoritária, negando o pluralismo, um princípio básico da democracia (SCHWARCZ, 2019).

“Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.” O slogan “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.”, usado por Jair Messias Bolsonaro e seus apoiadores como grito de guerra e mantra político, contém paralelos com slogans autoritários de Adolf Hitler na Alemanha (“Deutschland uber alles”), principalmente pelo fato de que ambos foram usados para mobilizar afeto, polarizando a sociedade em “inimigos do povo” contra “bons patriotas”.

Destrinchando o slogan, nota-se que a primeira parte “Brasil acima de tudo” prevê uma unidade nacional artificial, porém imposta como valor absoluto, ignorando todas as tensões sociais e os conflitos de raça, crença, classes e gênero, algo que infelizmente acontece intensamente no Brasil. Já na segunda parte, “Deus acima de todos”, recai sobre uma autoridade religiosa única, sendo esta a fonte de legalidade moral do poder (CHAUI, 2023). Ou seja, essa frase figura um Brasil puro e abençoado, o qual necessita ser protegido de ameaças ideológicas, isto é, aqueles que discordam disto, estão contra a pátria e Deus.

Tal frase sendo proferida no memento que o presidente recebe a faixa, ou seja, um marco de autoridade, adquire uma força performática, Bolsonaro se coloca como alguém que tem legitimidade em falar em nome da “verdade nacional” e a “verdade divina”, criando campo discursivo limitado, colocando o Brasil e Deus como elementos de um dogma político, não conceitos abertos para discussão (FOUCAULT, 1996). Em um diálogo entre os personagens capitão Beatty e Montag do livro *Fahrenheit 451*, capitão Beatty, figura de autoridade, utiliza-se da frase “Fique com os bombeiros, Montag. Tudo o mais não passa de um caos sinistro!” (BRADBURY, 2012, p. 83) visando convencer Montag que o certo é a verdade única e inquestionável imposta como dogma pelo Estado, procurando demonstrar a desnecessidade de

se procurar por uma resposta que não seja aquela dada pelo Governo, seguida pelos bombeiros, e mesmo que ele encontre, não passara de um “caos” instaurado entre aqueles desobedientes, rebeldes que não seguram a “verdade segura”.

Esse autoritarismo brasileiro eleva-se através de rituais simbólicos os quais reforçam a hierarquia, o culto à ordem e à autoridade moral, e a cerimônia da entrega da faixa presidencial é exatamente um desses ritos, pois a imagem do líder é investida de um poder que aparenta vir da essência da nação e de sua fé (SCHWAEZ, 2019). Deste modo, o slogan fortalece o pensamento de que Bolsonaro era o porta-voz não apenas de um mandato político, mas também de uma vontade superior, que ele era o “salvador da pátria”, o “Messias”, como ele mesmo se intitulava.

No mesmo diálogo já citado acima, quando capitão Beatty diz: “Somos todos ovelhas que às vezes se extraviam. A verdade é a verdade, até o fim das contas, é o que proclamamos. Os que se acompanham de nobres pensamentos nunca estão sozinhos, bradamos para nós mesmos.” (BRADBURY, 2012, p. 83), ao empregar o símbolo das ovelhas e do rebanho, faz uma alusão a religião, sugerindo a figura de um pastor, ou seja, da autoridade, como o guia absoluto. Este trecho da ficção conecta-se com a realidade, mostrando como o uso de atributos religiosos fortificam a idealização de que os discursos autoritários fazem para criar a imagem de um indivíduo mandado por uma divindade com o objetivo de restaurar a ordem.

“E assim como se muda de médico, eu mudei de ministro.” Um governador autoritário é capaz de fazer o uso de incontáveis táticas de persuasão de modo imperceptível para aqueles que não tem um conhecimento sobre as formas e características de cada discurso, operam deste modo como uma dimensão simbólica e cognitiva para o controle social e a manipulação da opinião pública (DIJK, 2012).

Implementando uma visão analítica e crítica ao discurso de Jair Bolsonaro no dia 24 de agosto de 2020 no Palácio do Planalto, é nítido a utilização dessas ferramentas autoritárias. Logo no início ele já relata um fato pessoal, a faca que levou em 2018, como uma forma de comoção ao público legitimando suas futuras ações (DIJK, 2012). No decorrer, ele utiliza exemplos de outras pessoas ali presente que fizeram o uso da hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19, porém, são dados os quais não foram confirmados sua veracidade, ou seja, são fake News, pois são notícias as quais, como ele mesmo disse que “não posso comprovar”. Já no encerramento de sua fala, Bolsonaro deslegitima a imprensa ao falar que eles iriam “para o deboche” com suas palavras ditas no encontro.

Contudo, apesar de já discutir sobre algumas falas autoritárias do presidente, o seu discurso gira em torno de uma característica presente em um governo autoritário: o poder da tomada de uma decisão. Bolsonaro afirma: “E assim como se muda de médico, eu mudei de ministro.”, ou seja, para ele foi muito fácil tirar do cargo de ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, centralizando o seu poder de fala e de decisão, instituindo a própria narrativa como a única legítima, silenciando vozes técnicas, científicas e opositoras (FOUCAULT, 1996).

Assim como Bolsonaro demonstra que é detentor do poder de decidir, o governo de Fahrenheit 451 de Ray Bradbury impõe aos seus cidadãos o que devem ver, ler (ou não ler), pensar e até sentir, transmitindo isso de maneira que, ao olhar de seus cidadãos, é algo eficaz, uma decisão boa para o povo, entretanto a proibição da leitura é feita pois os livros representam a possibilidade de escolha e reflexão dos cidadãos. Essa consciência liga-se de forma excelente com a realidade do poder exclusivo do líder autoritário, onde qualquer discordância é deslegitimada, como a remoção de Mandetta por contrariar a crença de Bolsonaro.

Tal decisão de Bolsonaro mostra também como não se pode contrariar a “verdade” a qual o político autoritário acredita, incorporando a chamada por Chaui como racionalidade autoritário, isto é, a ideia de que o líder detém todo o saber e poder de decisão, e caso um indivíduo se oponha, este será vetado de seu direito de fala, visto que, Mandetta não queria liberar, sem aprovação médica, a hidroxicloroquina para casos que não fossem graves, nem mesmo o Supremo Tribunal Federal concordava com o presidente, contudo, mesmo Bolsonaro sem qualquer qualificação, afirmado por ele mesmo: “não sou médico”, decide por si só e pelos seus estudos através de observações de outros países, retira Mandetta, um médico, do cargo de ministro da saúde, e deixa um general como interino, conseguindo assim o que desejava, já que para Jair Messias Bolsonaro é “pior que uma decisão mal tomada, é uma indecisão”.

“Qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou” e “não vamos mais admitir pessoas como Alexandre de Moraes continue a açoiar a nossa democracia e desrespeitar a nossa Constituição.” No discurso dado por Jair Messias Bolsonaro no dia 7 de setembro de 2021, em São Paulo, o presidente ataca o ministro Alexandre de Moraes, dizendo que “não vamos mais admitir pessoas como Alexandre de Moraes continue a açoiar a nossa democracia e desrespeitar a nossa Constituição”. Deste modo, Bolsonaro individualiza o conflito e transforma o ministro em uma espécie de símbolo do “inimigo interno”, reduzindo a operação constitucional da Corte a uma perseguição pessoal, criando uma dicotomia falsa: o povo contra o Judiciário. Tal espécie de discurso autoritário, tem como objetivo danificar a confiança da sociedade na imparcialidade

da Justiça, acometendo diretamente um dos pilares do Estado Democrático que consiste na separação entre os poderes e o respeito à autoridade judicial.

Ao acusar o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de “açoitar a nossa democracia”, Bolsonaro usa uma estratégia chamada retórica autoritária de reversão moral, a qual consiste na acusação, feita pelo autoritário, aos defensores da democracia de serem antidemocráticos, se apresentando como um salvador (DIJK, 2012). É feita uma perigosa distorção do significado de democracia, pois transforma-a em algo que existe somente se o líder vence ou se a sua vontade prevalece.

Do mesmo modo que Bolsonaro distorce o conceito de democracia, o regime da obra Fahrenheit 451 deturpa o sentido do conhecimento, transformando a ignorância em liberdade. A sociedade fictícia começa a assumir para si que os livros não são mais o símbolo do saber, mas sim algo perigoso, e que o controle é a proteção. Faber, um professor de inglês aposentado que vivenciou um mundo com livros, surge como alguém que, além de instigar a curiosidade em Montag, será uma figura a qual se opõe a esta forma de governo, demonstrando como aquilo que é transmitido pelo governo não passa de uma forma de controle e censura, declarando o verdadeiro sentido dos livros:

Os livros eram só um tipo de receptáculo onde armazenávamos muitas coisas que receávamos esquecer. Não há neles nada de mágico, a magia está apenas no que os livros dizem, no modo como confeccionavam um traje para nós a partir de retalhos do universo. (BRADBURY, 2012, p. 67)

Quando Jair Messias Bolsonaro afirma que “qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes, esse presidente não mais cumprirá. A paciência do nosso povo já se esgotou”, ele declara que irá descumprir ordens judiciais, violando abertamente o princípio da legalidade e do pacto republicano, colocando-se acima da lei e figurando-se como uma autoridade superior ao judiciária, atitude típica de um líder autoritário, a qual recusa à legitimidade das instituições democráticas e necessita do culto à sua imagem (CHAUI, 2023). Significando, dessa forma, uma ameaça oculta de ruptura institucional, colocando o Executivo em posição de confronto direto com o Supremo Tribunal Federal (STF).

Líderes autoritários agem como se fossem o porta-voz legítimo do povo, como se eles soubessem o desejo da população, assim como Bolsonaro agiu: “A paciência do nosso povo já se esgotou”, este mecanismo se baseia na produção de uma verdade falada por uma figura de autoridade, excluindo demais vozes do campo do aceitável (FOUCAULT, 1996). Além de criar

essa imagem, ao dizer está frase, o presidente mobiliza a sociedade contra as instituições, podendo ser interpretado como um estímulo à desobediência civil ou ao autoritarismo, típico de regimes autoritários que visam minar as instituições sem assumir o ônus de um golpe diretamente (Levitsky, Ziblatt, 2018).

“A arma de fogo, além de segurança para as famílias, é segurança para nossa soberania nacional e a garantia de que a nossa democracia será preservada. Não interessa os meios que um dia porventura tenhamos que usar. Nossa democracia e nossa liberdade são inegociáveis.” No discurso emitido por Jair Messias Bolsonaro no decurso da inauguração de uma obra em Sergipe no dia 17 de maio de 2022, o então presidente e pré-candidato a nova eleição defende o armamento da população como uma maneira de resguardar a democracia.

Ao garantir que "A arma de fogo, além de segurança para as famílias, é segurança para nossa soberania nacional e a garantia de que a nossa democracia será preservada. Não interessa os meios que um dia porventura tenhamos que usar. Nossa democracia e nossa liberdade são inegociáveis.", Bolsonaro adere a uma retórica autoritária por associar diretamente a democracia e o uso de armas, deslocando a legitimidade institucional para um raciocínio de força, indicando que a proteção do regime democrático ocorrerá à revelia das instituições e da legalidade. Deste modo, Jair Messias Bolsonaro carrega suas palavras com traços marcantes do autoritarismo brasileiro, ou seja, a desconfiança das instituições, o culto à força e a idealização de uma base popular homogenia e superior (CHAUI, 2023).

Esse modelo de discurso auxilia para a militarização simbólica da sociedade, estimulando a ideia da qual o cidadão armado tem o dever de portar-se como um guardião da ordem, independentemente que para isso se utilize de meios antidemocráticos, assim, Bolsonaro desloca a autoridade das instituições para os cidadãos armados, mudando o próprio sentido da palavra “democracia” (FOUCAULT, 1996). Ademais, tal oratória reforça uma visão polarizada entre o “cidadão de bem” e o inimigo interno, sendo o primeiro o único capaz de garantir a liberdade, gerando uma desconfiança nas instituições e aumentando o perigo de violências políticas, além de contrariar o princípio da convivência democrática e transformar essa separação em um confronto moral (SCHWAECHZ, 2019).

Esse deslocamento da autoridade para o “cidadão de bem” armado remete diretamente à lógica do livro Fahrenheit 451, na qual apresenta os bombeiros como ferramentas do regime, deixaram de ser apenas cidadãos para se tornarem “censores, juizes e carrascos oficiais.” (BRADBURY, 2012, p. 52). Bem como no regime diatópico da obra, o discurso de Bolsonaro investe a população fiel ao governo com uma autoridade violenta e simbólica, a qual se põe

acima das instituições formas, justificando a eliminação do contraditório em nome de uma falsa estabilidade democrática.

Logo, o sentido autoritário do discurso se articula ao contexto de desconfiança institucional, polarização política e normalização da violência vivenciado pelos brasileiros, a retórica armamentista expressada por Jair Messias Bolsonaro funciona como um instrumento de ameaça velada ao Estado de Direito, e não apenas uma política de segurança (DIJK, 2012). Bolsonaro emprega claramente uma característica comum de discursos autoritários que desejam legitimar o poder pela força e não pelo diálogo democrático.

Conclui-se que os discursos entre 2018 a 2022 de Jair Messias Bolsonaro apresentam, de forma recorrente, traços de autoritarismo, como a polarização, o ataque às instituições e a valorização da força como forma de controle. Ao serem relacionados com o livro *Fahrenheit 451*, essas falas revelam semelhanças com os mecanismos de repressão e censura presentes na obra, evidenciando como a linguagem pode ser usada para salientar, excluir e concentrar o poder. Essa análise reforça a importância de uma postura crítica diante de discursos que, sob pretexto de ordem ou segurança, colocam em risco princípios essenciais da democracia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender como o discurso autoritário se manifestou no Brasil entre 2019 e 2022, analisando dispositivos linguísticos em discursos políticos e manifestações sociais em diálogo com *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Constatou-se que esse discurso se estruturou por meio de estratégias de polarização, deslegitimação de instituições, criação de inimigos simbólicos e imposição de narrativas únicas, configurando mecanismos de manipulação semelhantes aos da distopia de Bradbury (2012).

A análise dos discursos de Jair Bolsonaro revelou padrões de repetição de slogans, metáforas bélicas, apelos religiosos e valorização da obediência sobre o debate democrático. Esses elementos reproduziram práticas autoritárias, moldaram percepções coletivas e legitimaram violências simbólicas, sendo amplificados pelas mídias sociais. O diálogo com *Fahrenheit 451* reforçou que tais discursos ultrapassam a linguagem, repercutindo diretamente na vida social ao restringir o pensamento crítico e silenciar vozes divergentes.

Entre as contribuições do estudo estão o aprofundamento teórico sobre o discurso como prática de poder, a inovação metodológica ao articular análise discursiva e literatura distópica, e o direcionamento prático para resistir à manipulação discursiva, com foco na educação crítica e na pluralidade de vozes. Reconhece-se, contudo, limitações como o recorte temporal (2019–2022) e o foco em determinados atores, além da escolha de Fahrenheit 451 como único paradigma comparativo. Pesquisas futuras podem ampliar a perspectiva ao incluir outros contextos e obras.

As implicações apontam para a urgência de enfrentar discursos autoritários por meio da educação, da alfabetização midiática e da vigilância democrática, além de promover o pensamento reflexivo, a diversidade de vozes e a liberdade de expressão. Em síntese, ao aproximar ficção e realidade, este estudo demonstra que o discurso autoritário vai além da retórica: trata-se de uma prática que ameaça a democracia e a cidadania. Reconhecer, problematizar e combatê-lo é essencial para preservar um espaço plural e crítico, exatamente o alerta de Bradbury (2012) ao narrar uma sociedade que, ao negar a reflexão, abriu caminho para a alienação e o autoritarismo.

6. REFERÊNCIAS

- ALVES, Chico. **Bolsonarista invade festa de aniversário e mata petista no Paraná**. Portal Uol, 10 jul. 2022. Disponível em: [Bolsonarista invade festa de aniversário e mata petista no Paraná - 10/07/2022 - UOL Notícias](#). Acesso em: 14 jan. 2025.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia de bolso, 2012.
- BAND JORNALISMO. **Debate na band: presidencial 2022**. YouTube, 28 ago. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WwdgWl_nmKI&t=12218s. Acesso em 17 jun. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Editora Globo, 2012.
- BRUGGER, W. **Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano**. Tradução de Maria Ângela Jardim de Santa Cruz Oliveira. In: Revista de Direito Público. Brasília: Instituto Brasileiro de Direito Público, ano 4, v. 15, n. 117, jan./mar. 2007.
- CALDAS, Ana Carolina. **Pandemia de fake news dificulta combate ao coronavírus no Brasil, alertam especialistas**. Curitiba: Brasil de Fato, 30 out. 2021. Disponível em: ['Pandemia de fake news' dificulta combate ao coronavírus no | Saúde](#). Acesso em: 14 jan. 2025.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- CHAUÍ, Marilena. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- DIJK, T. A. Van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DOMINGOS, Roney. **É #FAKE que vacina contra Covid-19 tem chip líquido e inteligência artificial para controle populacional**. G1 globo, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/01/27/e-fake-que-vacina-contracovid-19-tem-chip-liquido-e-inteligencia-artificial-para-controle-populacional.ghtml> . Acesso em: 14 jan. 2025.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- LEVITSKY Steven; ZIBLATT Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Editora Blucher, 2020.
- MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.
- ORWELL, George. **1984**. Brasil: Pé da Letra, 2020.
- PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PIKETTY, Thomas. **Capital e ideologia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- VERONELLI, Gabriela. **Sobre a colonialidade da linguagem**. Revista X, v. 16, n. 1, p. 80-100, 2021.
- VIVAS, Fernanda; CASTRO, Ana Flávia. **Moraes diz que 8 de janeiro demonstrou “total falência do sistema de autorregulação das redes sociais”**. Brasília: G1 política, 28 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/28/moraes-8-de-janeiro-demonstrou-a-total-falencia-do-sistema-de-autoregulacao-das-redes-sociais.ghtml> . Acesso em: 14 jan. 2025.
- WARDLE, Claire. **Fake news. It's complicated. First Draft**, 16 fev. 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/>. Acesso em: 11 jun. 2025.